

Suplemento Cultural

Música Paraguaia Como são lindas as músicas que formaram o meu imaginário

RAQUEL NAVEIRA

Sou uma alma da fronteira. Nasci naquele lugar onde o Brasil é Paraguai. Ouvir as canções paraguaias, o som das violas, das guitarras e das harpas encharca meu peito de recordações.

Como são lindas as músicas que formaram o meu imaginário: a índia de cabelos negros caídos pelos ombros e lábios de rosa; a força do primeiro amor, dos primeiros beijos e confissões; a desilusão das perdas e dos desencontros; a beleza do lago de Ypacaraí; as borboletas, panambis de asas brilhantes, vagando pelos bosques; os caminhos explorados nos lombos dos cavalos; as paisagens de camalotes e chalanas do rio Paraguai entrecortando o Pantanal, formando canais, alcançando Assunção, onde marinheiros vestidos de azul desciam a Bacia do Prata.

As letras vinham em idiomas misturados: ora o guarani, ora o espanhol, ora o português, num amálgama de tradições e visões de um mundo americano. As danças dos casais no ritmo das polcas, das galoperas, o cântaro de barro equilibrado na cabeça da moça vestida de renda nhanduti, rodopiando e balançando a saia, são lembranças que emocionam.

A música paraguaia escuma melancolia por todos os meus poros, mas há uma em espe-

“

A música paraguaia escuma melancolia por todos os meus poros, mas há uma em especial que resume a força desses sentimentos: ‘Saudade’, de Mário Palmério”

cial que resume a força desses sentimentos: “Saudade”, de Mário Palmério.

Mário Palmério foi um compositor mineiro, professor, político, autor dos romances regionalistas Vila dos Confins e Chapadão do Bugre, homem de cultura e prestígio, que substituiu Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. Foi nomeado pelo presidente João Goulart para o cargo de embaixador do Brasil junto ao governo do Paraguai. Permaneceu nessa missão, integrando-se no seio da intelectualidade paraguaia, até abril de 64, num intenso trabalho de aproximação e amizade entre os dois países.



HARPISTA GUARANI QUE POPULARIZOU A MÚSICA PARAGUAIA EM NOSSO PAÍS E IMORTALIZOU-SE COM O LP/CD 'HARPA E CRISTANDADE' - ATÉ HOJE EXECUTADO EM ÉPOCA DE NATAL

Contam que, certa vez, lhe perguntaram o que era “saudade”, palavra exclusivamente portuguesa e ele então explicou que para saber o que é saudade é preciso antes de tudo conhecer, viver um amor puro e terno. Só depois de ter perdido esse amor é que se compreende o que é saudade, pois saudade é solidão, distância e sofrimento.

Imagino Mário Palmério ao piano, entre lágrimas, expressando em música e poesia a forma e o conteúdo da mais perfeita e bela das palavras: “saudade”. Essa saudade que fica tão grande quando estamos longe da terra que amamos, cheia de árvores e lembranças.

Sou uma alma da fronteira. Meio bugra, meio índia, que não vê saída para o mar. Trancafiada dentro de mim a saudade é uma sensação de sempre e de nunca mais.

Os ovos Azuis

THEREZA HILCAR

Foi uma porção de guavira (ou gabirola, como se diz em Minas), comprada na estrada de Dourados de uma menina com feições alegres e pele clara, que me levou de volta à infância e me trouxe outras boas lembranças como a do ovo azul.

Num piscar de olhos e ao sabor da frutinha de cor amarelada, vejo-me novamente no enorme quintal de casa que, por um bom tempo, foi meu reduto particular, uma espécie de mundo encantado, onde em meio às bananeiras, goiabeiras, mangueiras, patos, galinhas e alguns pombos, eu costumava levar as minhas aflições infantis e os meus sonhos dourados. Foi lá, “dialogando” com o imaginário das plantas e dos bichos que iniciei o aprendizado do autoconhecimento, que comecei a entender que o mundo possui uma simplicidade desconcertante e complexa. Talvez por conhecer cada planta e saber onde se escondiam as borboletas, os passarinhos e todos os ninhos das galinhas, que nunca obedeciam os lugares impostos por minha avó. Talvez pela intimidade adquirida, pela afeição que me gerou cada detalhe, por tudo isto, mergulhei fundo, e logo cedo entrei no universo das pequenas delicadezas da natureza.

Uma das minhas diversões - ou prazeres favoritos - era colher os ovos dos ninhos espalhados pelo quintal. O prazer era maior e o encantamento era total, quando eu deparava com os ovos azuis. Sim, caro leitor, azuis como as nuvens de um céu na primavera, como os olhos da tia, que de vez em quando me acompanhava nesta doce tarefa. Acreditem se quiser.

Sei que nas poucas vezes que mencionei o fato, sempre pairou no ar um certo constrangimento, um ar de desconfiança nas pessoas à minha volta. Certa vez uma amiga, colocando à prova essa ocorrência, que chamou-a de fantasia, instigou-me com uma história ainda mais surpreendente, dizendo:

- Esses ovos não seriam pintados por alguém, com o intuito de agradar-lhe?

- Não - respondi, achando graça. Minha mãe nunca foi de tamanhos mimos e a avó, ao contrário, gostava mesmo era de me assustar, colocando sapos imensos no canto, que eu tinha como predileto. E isso pelo simples objetivo: tirar-me do sonho: E a tia acrescentava:

- Temos que dar um jeito nessa menina, senão ela vai acabar morando no quintal.

O namorado, embora gentil, também não acreditou muito na história fantasia de ovos pintados à mão. Novamente descartou categoricamente a hipótese. E para não deixar nenhuma dúvida, propus fazer longas ligações interurbanas, nas quais as tias mineiras riam, divertidas, com a incredulidade dos sul-mato-grossenses e afirmavam:

- Qualquer dia a gente manda alguns pra você. Assim resolve vez esse impasse.

Até lá, o sabor da gabirola (ou guavira, para os daqui) continua a me lembrar dos lindos e deliciosos ovos azuis. Da alegria em meio aos outros, tão branquinhos, do gosto diferenciado que meu paladar sentia. Gostava de comê-los crus, batidos em Neves com açúcar, como um merengue, onde depois acrescentava-se aquela gema amarela, própria dos ovos caipiras. Uma delícia! Noutras vezes gostava mesmo era de guardá-los como um tesouro. E não raro escondia-os tão bem escondidos, que nem eu mesma lembrava. Mesmo quando eram consumidos, costumava preservar o máximo sua casca, já que, em dezembro eles serviriam de enfeites natalinos.

E enquanto aguardo a prometida remessa das Gerais, fico aqui, nestes dias que antecedem o Natal, totalmente envolta nas lembranças infantis, revolvendo paladares antigos, sentindo de novo a presença de um afeto que nunca se encerra.

Pensamentos

FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES

Escrito está: “Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra, que sai da boca de Deus (Mt. 4,4).”

Aí que tá, estribados neste chasque do Patrão celestial, vamos entrando em nossa “inverno” de pensamentos úteis e salutares, destes que levam o povo pra riba, retirando-o da lama e do meio de gente malvada para encaminhá-lo para a divina “inverno” do além.

Não é qualquer guasca, por mais pilchado que seja, que tem o tope de se arrancar do lodo para se colocar no campo limpo, no reino da paz e na vida cristã. Uma grande parte do pessoal vive iludido, acompanhando o mundo perverso, apinchado nos currais dos pensamentos envenenados, enchafurdado nas mangueiras de gente “maleva”, companheiro de drogas, que o povilê esparrama na superfície da terra, onde o Patrão celestial, o xiru “véio” de lá de riba, semeou unicamente a paz, o perdão e o amor.

Reparem bem, companheiros, pelo chasque acima anunciado,

não é condenado o homem que vive pelo seu trabalho justo e saudável. Todos precisamos do pãozinho de cada dia (dinheiro, casa e comida) para o sustento e a manutenção da família. O nosso Patrão celestial, o criador do universo, quer que todo o vivente estenda a mão não para pedir, mas para dar e que tenha vida em abundância (Jo. 10,10), mas sempre estribado na fé divina, na honestidade e no amor cristão, tendo por base a palavra de Deus sábia e santa.

E no mais, minha gente, ginete bom, bombachas, botas, rebenque e vamos pra frente.

Que a Virgem Maria, primeira prenda do céu, seja nosso guia no trotar da vida e que São Pedro, capataz da estância gaúcha, nos socorra para vivermos de acordo com os mandamentos divinos e com estes pensamentos sagrados.

E pra fim de conversa que a vossa vontade, nós lhes dizemos, Senhor, leve a nossa vida de cabresto para todo o sempre até a querência do céu.

Atenda, Patrão celestial, esse nosso pedido!

O Cabide

ABÍLIO LEITE DE BARROS

O Cabide de Moças, assim dito por tê-las em sua volta como abelhas ao mel, chegou-se ao ouvido do Geminiano e pediu um Fox. Era um exímio dançarino do novo ritmo. Tirou a de sempre, única que lhe sabia acompanhar os requebros. O velho Geminiano, que durante a semana guiava o Amassa Terra da prefeitura, empertigou-se com seu saxofone e soprou as maviosas notas de um dos três ou quatro foxes do seu espremido repertório. O Cabide deslizou solene, com a preferida, no salão ainda vazio, saboreando aquele momento de luz e brilho. As moçoilas sentadas nas laterais do salão se entreolharam em cochichos: “Você sabe isso?” - “É fox”. Pouco a pouco alguns varões se aventuravam, timidamente, atendendo aos seus próprios desejos e olhares em súplica das mais necessitadas.

O Amassa Terra era um rolo compressor responsável pela compactação das ruas sem calçamentos da cidade. Era movido a lenha: quente e barulhento. Uma festa para as crianças que acompanhavam o veículo correndo em volta, sem risco algum, pela velocidade paquidêmica da enorme geringonça - algumas dezenas de metros por hora. Geminiano dirigia a máquina com a mesma imponência com que embocava o sonoro saxofone nas matinês do Corumbaense Futebol Clube.

Pouco a pouco o salão foi se enchendo e o Cabide de Moças continuava sulcando as áreas mais espaçosas, embevecido consigo mesmo, como um príncipe. Um espetáculo de leveza e ritmo para as respeitadas famílias que viam naquele moço um exemplo de simpatia, educação e respeito. Quem sabe ele pudesse olhar para suas filhas, suspirosas e intocadas donzelas.

Ninguém acreditou quando o Paraguaio contou, com estranheza, que no banheiro o Cabide demorou-se olhando seu órgão enquanto urinava. No final tocou-lhe o ombro, e com os olhos ainda desviados para o objeto de sua atração fez um trejeito desusado e um sorriso de comprometedor intimidade. O grupo negou-se a dar importância, não tinha os costumeiros sinais denunciadores. Não era.

Algum tempo depois, o mesmo Paraguaio, um pouco assustado, contou mais suspeitas. Ainda com disfarces, achava que ele era. Persistiu, entretanto, a incredulidade: podia ser uma interpretação errada. Ele não tinha jeito, um atleta, namorava, um dos nossos. Não era. Decidimos, por espontânea e íntima concordância, não mais tocar no assunto e o Paraguaio não teve mais nenhum motivo. Não era.

Muito tempo depois, sempre solteiro, o Cabide afinal mostrou que as moças em sua volta eram simples penduricalhos fantasiosos encobrindo os seus reais e mais profundos desejos. Cabide de Machos, disse o Turquinho, era o seu mais sofrido e inconfessável sonho. Afinal confessado. Tornou-se um alegre membro do corpo de baile de um teatro de revista no Rio de Janeiro. Era.

POESIAS

VENDE-SE

Por motivo de mudança vende-se, em perfeito estado de conservação: um barco desempregado com dois remos sem cadência. Um rio desativado uma casinha dolente três latas desafinadas um açude de poeira uma cacimba com sede alguns urubus vadios seis árvores desocupadas uma enxadinha indolente uma roça desistente sementes sem serventia... Excelente investimento para criação de poesia.

ILEIDES MULLER

GRAVITAÇÕES AZUIS

muito além de um lampejo, são eternas estas inesperadas flamas... - este mergulho azul com aroma de silêncio.

e sempre exerço esta pira de seivas pendoadas que me faz esquecer dos dilemas do cotidiano e da urgência hermética dos organogramas - contemplo o essencial.

e aqueço-me na leveza dos gorjeios alados que adornam o meu matinal olhar com o graveto do ninho daquele pássaro cor de céu...

RUBENIO MARCELO

ESCOMBROS

Você - que largou asas para os sonhos Tentando soerguer-se da desdita, Escalando luar em céus tristonhos, Tropeçando por nuvem mais bonita...

Você - que se elevou à infinita Nação que supôs de Edens mais risonhos, Caindo à realidade assaz maldita De apenas encontrar rivais medonhos...

Você - que abriu estrelas com seus ombros, Sonhando projetar-se só pra frente... Ei-lo, enfim, despenhando quais escombros.

Mas, na queda, a ventura ainda tente; Pois, se subir não soube sem mil tombos, Saiba ao menos cair suavemente!

GERALDO RAMON PEREIRA